NA
NOVO ALMOURO
NOV 26 | Nº532 ANO XLV | PREÇO 1,20 EUROS | MENSAL
DIRETOR FERNANDO FREIRE | **MÉDIO TEJO**

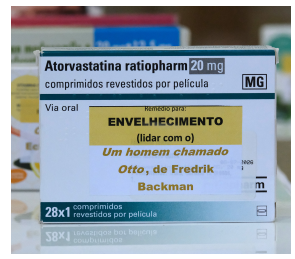
Polígono de Tancos terá nova escola de pilotos militares e possibilidade de uso civil



FOTO JOSÉ NEVES

p07

Farmácia Literária em Vila Nova da Barquinha



Até ao próximo dia 10 de novembro: «Farmácia Literária - Para grandes males, grandes leituras», iniciativa que associa os livros ao bem-estar e à saúde mental.

p12

IX edição do Troféu Filipe Passos teve lugar em Tancos



A nona edição do Troféu Filipe Passos decorreu na pitoresca Vila de Tancos, no passado dia 27 de setembro, organizada pelo Clube Náutico Barquinhense.

p06

IN MEMORIUM



Ilídio Filipe Carreira

27.05.1933
18.10.2026

p07

A 4.ª Romaria a São Miguel Arcanjo decorreu este ano em VN Barquinha



Este ano coube ao Pára-Clube Nacional "Os Boinas Verdes" e à Associação de Paraquedistas da Ordem dos Grifos 63 a organização da 4.ª Romaria ao Padroeiro das Tropas Paraquedistas.

p02

Divulgação permanente de dados sobre os caudais recebidos na fronteira revela-se essencial



p06

agência funerária PACHECO
Rua Fernando Eiró, nº 1
ENTRONCAMENTO
www.funerariapacheco.pt
geral@funerariapacheco.pt
www.facebook.com/funeraria.pacheco
SERVIÇO 24 HORAS
965 460 995

Intermarché
Vila Nova da Barquinha

Editorial

O Comando Sub-Regional de Emergência e Proteção Civil (CSREPC) do Médio Tejo

Sediado na freguesia da Praia do Ribatejo, concelho de V.N. Barquinha, tem desempenhado um papel crucial na coordenação entre os agentes de proteção civil, promovendo a partilha de meios, de recursos materiais e humanos e de procedimentos de trabalho. Nesta articulação, destacam-se o Exército Português, através das unidades de âmbito nacional instaladas no nosso território, designadamente o Regimento Militar de Emergência, em Abrantes, e o Regimento de Engenharia n.º 1 e a Brigada de Reação Rápida (BRR), no Polígono Militar de Tancos; todos os Corpos de Bombeiros (CB); e os Serviços Municipais de Proteção Civil (SMPC). Esta cooperação traduz-se em benefícios concretos para a população.
Existe, por isso, um dever de cooperação entre o Exército, as autarquias e a Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo (CIMT), com vista ao reforço de uma resposta integrada às situações de emergência e à proteção das populações.
O CSREPC tem, neste contexto, uma posição particularmente relevante uma vez que as suas instalações se encontram nas proximidades do Aeródromo Militar de Tancos, infraestrutura que foi fundamental na escolha da atual localização.
A ex-Base Aérea assume uma importância estratégica para o Exército, quer no treino e transporte de tropas paraquedistas, quer no âmbito das capacidades de aviação ligeira militar. Está prevista, ainda este ano, a receção do primeiro helicóptero "BlackHawk", seguindo-se a entrega dos restantes até final de 2028.
Recentemente, o comandante David Lobato anunciou que "apenas 1 dos 282 incêndios registados nos 11 municípios ultrapassou os 90 minutos de resolução, colocando o Médio Tejo no primeiro lugar nacional em eficácia no ataque inicial". Se o combate ao fogo é importante não podemos olvidar acontecimentos recentes, como a tempestade "Kristin", de 28 de janeiro de 2026 ou a cheia do Tejo de fevereiro de 2026. Também aqui o desempenho de todos foi magnífico.
Estes resultados confirmam a importância do modelo de organização e intervenção concebido e dos novos fenómenos atmosféricos de grande intensidade e de curta duração, que assenta cada vez mais na proximidade dos CB e dos SMPC, sob a liderança e coordenação do CSREPC.
Trata-se, portanto, de resultados concretos que demonstram a relevância da localização deste comando sub-regional, junto do aeródromo e da A13 e A23, e da articulação entre os diferentes agentes de proteção civil da nossa comunidade.
A esta realidade acresce uma nova oportunidade de desenvolvimento, associada ao concurso internacional de privatização da TAP. Segundo as informações divulgadas publicamente pelo Governo, a Lufthansa, empresa privada do setor da aviação, manifestou interesse em investir cerca de 500 milhões de euros no Polígono militar de Tancos, no âmbito de uma parceria com o Estado português. Por sua vez, o ministro das Infraestruturas e Habitação do XXV Governo Constitucional, Miguel Pinto Luz, referiu à imprensa um investimento público, do Orçamento do Estado, de 50 milhões de euros destinado à pista de 2440 metros da antiga Base Aérea n.3.
O projeto prevê a renovação da pista, que passará a ter utilização dual, civil e militar, bem como a criação de uma escola de pilotos militares e comerciais.
A conjugação destas capacidades, proteção civil, presença militar, infraestruturas aeronáuticas e potencial investimento, coloca o território de Vila Nova da Barquinha e o Médio Tejo perante uma oportunidade estratégica que importa acompanhar com rigor e ambição.

O Diretor, Fernando Freire, carteira TE 928

VN BARQUINHA

4.ª Romaria a São Miguel Arcanjo – Padroeiro das Tropas Paraquedistas

TEXTO REDAÇÃO e FOTO SERRANO ROSA



No âmbito do 70.º aniversário das Tropas paraqueditas, este ano coube ao Pára-Clube Nacional "Os Boinas Verdes" (PCNBV) e à Associação de Paraquedistas da Ordem dos Grifos 63 (APOG 63), com sede em Vila Nova da Barquinha, a organização da 4.ª Romaria a São Miguel Arcanjo.
Depois de Ponte de Lima, em 2023; Guimarães, em 2024; Coimbra, em 2025; acolheu o concelho da Barquinha a 4.ª Romaria a São Miguel Arcanjo, em 2026.
Um evento que procura congregar o movimento associativo paraquedista, mormente associações, núcleos e grupos de paraquedistas espalhados por todo o mundo.
Devido à falta de água no Tejo, não foi realizada a etapa fluvial entre o cais de Tancos e Cais Dr. Pombeiro, na Barquinha, com a imagem de São Miguel Arcanjo.
Assim, o primeiro cortejo foi feito numa viatura "UMM Paraquedista" entre o cais Dr. Pombeiro e o local da missa campal, junto do Centro Cultural da Barquinha.
Participaram muitas entidades civis e militares convidados pela organização, entre eles o Major-General José Alberto Dias Martins; Brigadeiro-General Almeida Pereira, comandante da BRR; general Carlos Jerónimo, presidente do PCNBV; Major José Maria Matos; presidente do APOG 63; Manuel Mourato presidente da Câmara da Barquinha e António Ribeiro, presidente da Assembleia Municipal,
Presidiu à celebração religiosa o Padre Paulo Marques, capelão do Regimento de Paraquedistas (Rpara). Foi acompanhado pelos ex-capelães daquela Unidade que marcaram presença no acontecimento bem como diáconos com ligação à "Casa Mãe". Registo para a emotiva intervenção do antigo capelão paraquedista César Fernandes, em situação de débil saúde, que culminou com o "Hino dos Boinas Verdes" e no "Grito do Paraquedista"!
Seguiu-se a romagem até à porta de armas da Unidade bem como as atividades previstas para o Rpara.
Relevo para a Homenagem aos mortos em combate, fotografia de grupo, alocução do Comandante do Rpara, Coronel Prata Pinto, demonstração de saltos para o campo de futebol e refeição com partilha de emoções com a canção de parabéns, pelo seu 92.º aniversário ao Ten. Cor. Paraquedista, Rocha, pioneiro do Curso de Espanha.
A Romaria terminou pelas 17 horas e contou com cerca de 400 participantes o que evidencia a vitalidade da família paraquedista.
Recorda-se que estas Tropas, desde 23 de maio de 1956, estão presentes no concelho de Vila Nova da Barquinha e fazem parte da memória e da história do nosso concelho, de Portugal e dos países onde cumpriram as suas missões de paz e de ajuda humanitária.

Vera Lúcia Bártolo Boura Pereira condecorada com a Medalha de Serviços Distintos – Grau Prata

TEXTO REDAÇÃO e FOTO MUNÍCIPIO DO CARTAXO

O Cartaxo acolheu as Comemorações do 18.º Aniversário do Comando Territorial de Santarém da GNR.
Neste evento, Vera Lúcia Bártolo Boura Pereira, Primeiro-Sargento de Infantaria n.º 2041022, comandante do Posto Territorial da GNR de V. N. da Barquinha, desde julho de 2026, foi condecorada com a Medalha de Serviços Distintos – Grau Prata que se destina a premiar atos extraordinários individuais ou coletivos ligados à atividade das forças de segurança nos quais se tenham revelado qualidades de bravura, coragem, provado esforço, energia ou grande dedicação em serviço de segurança pública.
O NA congratula-se por este



reconhecimento, desejando as maiores venturas no seu percurso profissional e militar.

CONTACTOS ÚTEIS

Atendimento ao Munícipe

(marcação prévia, através do telefone 249720364*)

Edifício dos Serviço Municipais:

- Atendimento Geral ao Público;
- Serviços da Assembleia Municipal;
- Tesouraria;
- Secção de Taxas e Licenças;
- Gabinete de Atendimento ao público pelo Presidente da Câmara, Vereação e Chefes de Divisão

Horário:
Segunda a Sexta-feira, das 9:00 às 12:30, 14:00 às 16:00

Contactos:
Morada: Praça da República, 2260-411 Vila Nova da Barquinha

Tel: 249 720 350*

*Chamada para a rede fixa nacional

Junta de Freguesia de Tancos

Tel.: 249 712 094
(custo chamada para a rede fixa nacional)
E-mail: jftancos@gmail.com

Junta de Freguesia de Atalaia

Tel: 249 710 619
(custo chamada para a rede fixa nacional)
E-mail: juntafregatalaia@sapo.pt

Junta de Freguesia de Praia do Ribatejo

Tel.: 249 733 940
(custo chamada para a rede fixa nacional)
E-mail: geral@jf-praiadoribatejo.pt

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO
CEMITÉRIO DE PRAIA DO RIBATEJO
(DE MARÇO A SETEMBRO)
TODOS OS DIAS
Das 8h00 às 19h00

Junta de Freguesia de VN Barquinha

Tel.: 249 712 099
(custo chamada para a rede fixa nacional)
E-mail: freguesiavnbarquinha@sapo.pt

Centro Cultural de Vila Nova da Barquinha

Largo 1.º Dezembro
2260-403 Vila Nova da Barquinha
Tel: 249720358
(custo chamada para a rede fixa nacional)

Horário
Dias úteis 09:00 - 12:30/14:00 - 17:30

BOMBEIROS VN BARQUINHA

Morada: Rua dos Bombeiros
2260-396 Vila Nova da Barquinha

Horário de funcionamento
9:00 - 16:00

Telefone Quartel: 249 710 629
(chamada para a rede fixa nacional e com custo de acordo com o seu tarifário)

Geral 249 247 700
(*custo de chamada para a rede fixa nacional)

Avarias 808 200 376
(*custo de chamada local para a rede fixa nacional)

AGENDA CULTURAL - NOVEMBRO

BARQUINHA

7 de novembro | 21h30 | Centro Comunitário de Atalaia: Teatro comunitário - Ela blimunda, pela Fundação José Saramago, Azinhaga. Gratuito
12 de novembro | 14h30 | Centro Cultural da Barquinha: Teatro - Catarinas, por Teatro Maior de Idade, Produção Teatro Virgínia de Torres Novas. Gratuito
15 de novembro | 16h00 | Centro Cultural da Barquinha: Encontro de Bandas - Banda dos Bombeiros d Barquinha com banda convidada. Gratuito
21 de novembro | 15h00 | Biblioteca Municipal Carlos Matos Gomes: Literatura infantil - Hora do conto com Sónia Dias Um vale encantado de histórias. Gratuito

ABRANTES

14 e 28 de novembro | Antiga Escola N.º 1 dos Quinchosos: "Mentes e Sonhos" - Grupo de Teatro Palha de Abrantes

ALCANENA

14 de novembro | 10h30 | Pavilhão Municipal Carlos Calado
XXVIII Encontro Nacional de Colecionadores

ENTRONCAMENTO

6 de novembro | 21h30m | Cineteatro São João: Jel – Quem te viu e quem te vê
15 de novembro | 18h00 | Cineteatro São João: "A Minha Primeira Vez by Teresa Guilherme"
28 de novembro | 21h30m | Cineteatro São João: Camané

SARDOAL

14 de novembro | 21h30 | Centro Cultural Gil Vicente: TEATRO – Arte

FERREIRA DO ZÊZERE

14 de novembro | 21h30 | Centro Cultural Alfredo Keil: XV Festival Internacional de Acordeão
21 de novembro | 15h00 | 11ª Mostra de Licores e Doces Tradicionais, junto à Junta Freguesia de Águas Belas

MAÇÃO

6 e 7 de novembro | Cardigos – Auditório: Simpósio Internacional sobre o Padre Joaquim da Silva Tavares
21 de novembro | 21h00 | Cineteatro Francisco Serrano: Pátio do Cunha – comédia, por Carlos Cunha e Érika Mota
27 de novembro | 21h00 | Cineteatro Francisco Serrano: Amália, Fado e Saudade – Homenagem

TORRES NOVAS

7 de novembro | 21h30 – Teatro Virginia: SAKAMOTO 1996 – Música
14 de novembro | 21h30 – Teatro Virginia: EDUARDO MADEIRA - GRANDE ENTRE OS ASSASSINOS

GOLEGÃ

De 6 a 15 de novembro de 2026: 50.ª Feira Nacional do Cavalo - 27.ª Feira Internacional do Cavalo Lusitano - Feira de São Martinho

PUBLICIDADE

farmácia da barquinha
249 710 493
913 350 157
9.00h - 22.00h
Rua 25 de Abril, nº 60
2260 - 412, V.N. Barquinha
farmaciabarquinha
farmaciadabarquinha
Diretor Técnico
Dr. Daniel Pereira

INDUTUBOS
PIROTÉCNIA • TUBOS CILÍNDRICOS
Sociedade Industrial de Tubos de Papel, Lda
Vale da Loura - Atalaia
Apt5 2260-909 VN Barquinha
Tlf. 249 710 816 Fax. 249 710 024
Tlm. 968 019 345
www.indutubos.pt
indutubos@hotmail.com

Almourol, Castelo Templário, paisagem romântica, monumento nacional, cenário do Estado Novo, residência oficial e símbolo da memória nacional



OPINIÃO MÁRIO BEJA SANTOS

Chegados ao cais de embarque em frente a Almourol, a diretora do jornal "O Templário", Isabel Miliciano, e eu conversamos animadamente com o nosso guia, Fernando Freire, acérrimo ativista cultural, sobre o impacto cénico que Almourol provoca a quem o visita, ou nas margens ou nas suas entranhas. É nisto que o nosso guia nos recorda Miguel Torga, coisas do seu Diário, volumes de IX a XII: "O que me vai valendo nesta penitenciária pátria é nunca perder de vista alguns recantos que nela são oásis de libertação e de esquecimento. Empoleirado no terraço desta fortaleza lírica que os Templários ergueram no meio do Tejo – Em Almourol – debruçado sobre o abismo a deixar o rio deslizar brandamente na retina, quero lá saber se a política vai bem ou mal, se a literatura anda ou desanda, se a nau coletiva singra ou soçobra! Extasio-me, apenas. Ou melhor: numa espécie de petrificação emotiva, acabo por fazer corpo com as muralhas, e ser o próprio baluarte erguido na pequena ilha, inexpugnável a todas as agressões do real."

Vamos aos esclarecimentos que a verdade histórica permite. D. Afonso Henriques conquista Almourol em 1129, já existia o castelo, era lugar ocupado, havia uma fortificação denominada Almorolan. O lugar é entregue aos Templários, passa a fazer parte da política da defesa e povoamento do território entre Mondego e Tejo. Segue-se a reconstrução templária, concluída em 1171. A epígrafe sobre a principal constitui a evidência documental dessa campanha. Almourol faz parte de uma ampla concessão militar templária, tal como Tomar, Pombal ou Longroiva, entre outros castelos, pois todos eles apresentavam elementos comuns, caso das muralhas elevadas, utilização do alambor, torres circulares adossadas, organização do castelo em diferentes níveis defensivos. Recorde-se que o Castelo de Tomar, iniciado em 1160, constitui o núcleo fundamental desta renovação da arquitetura militar templária portuguesa. Por outras palavras: Almourol pertence ao programa construtivo de Gualdim Pais.

Tem cabimento perguntar porquê ter um castelo numa ilha. Pela conjugação de vantagens: domínio visual do rio; defesa natural (o rio funciona como um enorme fosso); controlo das margens e da passagem; e, como já se disse, fazia parte da integração do sistema relacionado com Tomar, Cardiga, Zêzere e outras posições templárias – era a rede defensiva templária do Médio Tejo.

É justo uma palavra sobre a arquitetura militar templária: a Torre de Menagem dentro do recinto muralhado; nove torres adossadas (nem todas seriam circulares no plano inicial) reduzindo os ângulos mortos e aumentando a capacidade de defesa lateral; o alambor, que constituía um autêntico bico de obra para os atacantes.

Agora temos uma nova pergunta: o que aconteceu em Almourol depois da extensão templária, finda a lógica da rede defensiva do Médio Tejo? Houve abandono progressivo e ruína, o terramoto de 1755 agravou esse estado, caiu um troço da muralha do lado sul. E então aconteceu um novo quadro mental, com a invenção romântica de Almourol, com o século XIX, acrescentou-se-lhe uma imagem de cariz medieval (muitas das suas estruturas primitivas foram sacrificadas em favor de uma imagem idealizada da Idade Média). Estamos chegados ao século XX, em 1910 Almourol é classificado como monumento nacional; em 27 de junho de 1938, Salazar recebe o corpo diplomático aqui, mostra-se em anexo um conjunto de imagens alusivas; há quem assevere que este evento fazia parte da comemorações do Duplo Centenário de 1940; entre 1939 e 1940 ocorre a intervenção da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, reconstruiu-se o caminho da ronda, utilizou-se alvenaria e betão armado, reconstruiu-se uma parte da Torre de Menagem, reparou-se e consolidaram-se ameias, etc. etc. Entre 1940 e 1950 todo este espaço foi adaptado para utilização como Residência Oficial da República Portuguesa, há mesmo registo da aquisição de mobiliário e foi instalada uma rede elétrica. Terá sido uma conceção do Estado Novo em que Almourol deixava de ser apenas monumento e passava a ser espaço representativo do Estado. Enfim, houve novas obras de engenharia entre 1958 e 1959, fase completada com trabalhos relacionados com os pavimentos em 1960; as intervenções não ficaram por aqui: houve novas campanhas de conservação em 1966 e uma intervenção iniciada em 2013-2014 para tratar desagregações das muralhas.

Se nos pedissem um resumo da vida deste castelo, diríamos que ele teve três vidas: vida militar templária, vida romântica e vida politico-patrimonial do século XX. Lendo um anexo sobre os 850 anos de Almourol, o leitor pode perceber quais as intervenções físicas que teve o castelo. E finda a leitura do documento ficará a perceber exatamente que parte do Almourol que hoje vemos são medievais, quais são do século XIX e quais são reconstruções do século XX.

O nosso guia, afabilíssimo, tudo vai comentando, com o calor e a vivacidade de quem conhece aquele lugar como a palma das suas mãos, e quando, mais tarde, nos despedirmos na Barquinha encheu-me a caixa de correio com preciosidades documentais, vê-se no seu fervor pela região é para ser partilhado por quem se sente deslumbrado tanto pelo castelo como pela vila em pleno desenvolvimento.





Não é para ocupar o espaço que aqui se mostram duas imagens pelas de afinidade, é tudo uma questão de distância, mas também de perceção estética: o castelo numa ilha e um castelo visto exclusivamente na conceção da arquitetura militar templária tecida e orientada por Gualdim Pais.



Testemunho do génio arquitetónico militar de Gualdim Pais, o adoçamento das muralhas à Torre de Menagem.



Não se trata de uma repetição da imagem anterior, são visíveis nesta o uso dos materiais da própria ilha e as sucessivas obras de conservação e restauro.



É neste interior que nos vamos apercebendo desta lógica de compartimentos defensivos. Uma indivação chama-nos à atenção sobre o adarve. O Castelo de Almourol possui dois caminhos de ronda autónomos, o primeiro dos quais se desenvolve linearmente, percorrendo o adarve da muralha exterior do recinto inferior. Já o segundo assenta nos muros superiores. As duas extremidades do adarve, respetivamente, os troços sobre a porta exterior do castelo e no extremo oposto dela possuem um duplo parapeito que faculta o acesso a um ponto situado além dele. Tal solução permitia a defesa simultânea, quer do exterior quer do interior da fortaleza.



Esta é a porta da segunda cerca. Tem no seu topo a seguinte epígrafe: 'Na Era de 1209 (1171 da Era de Cristo) o Mestre Gualdim, de Braga, que é cabeça da Galiza, edificou o Castelo de Almourol com os freires seus irmãos.' Uma nota de curiosidade foram os trabalhos levados a cabo por Luciano Freire a decifrar inscrições em Tomar e aqui.



Já no regresso assistimos à passagem de uma infinidade de canoas, uma juventude em festa que apraz exultar.



Uma das imagens que se juntam: Salazar e um conjunto de diplomatas a caminho do Almourol, em 1938.



Selo de 1988, desenho de José Luís Tinoco e José Bénard Guedes.

(Continua)

(Artigo publicado, também, no Jornal o Templário, n.º 1972, em 8 de outubro de 2026).

AMNISTIA INTERNACIONAL

Portugal: Violência policial contra manifestantes pacíficos pela habitação deve ser investigada

TEXTO AMNISTIA INTERNACIONAL

Relatos iniciais sugerem que a polícia recorreu ao uso excessivo da força para dispersar um acampamento de protesto pacífico no Porto, na madrugada de 15 de outubro, o que resultou em 37 feridos, afirmou a Amnistia Internacional.
"Os relatos de violência policial contra pessoas que protestavam pacificamente contra acrise da habitação em Portugal são profundamente preocupantes. As pessoas têm o direito de protestar pacificamente, incluindo o direito de ocupar o espaço público, mesmo durante a noite. As autoridades portuguesas devem respeitar e proteger esse direito", afirmou João Godinho Martins, diretor executivo da Amnistia Internacional Portugal. "A dispersão de protestos pacíficos deve ser um último recurso. Os relatos de que a polícia agrediu manifestantes com bastões, resultando em dezenas de feridos - incluindo uma pessoa com deficiência - suscitam sérias preocupações de que o uso da força tenha sido desproporcionado", acrescentou João Godinho Martins.
A 10 de outubro, as pessoas começaram a reunir-se na Praça D. João I, no Porto, para protestar contra a inacessibilidade da habitação em Portugal, inspiradas pelos protestos em Espanha na sequência do despejo de Maricarmen Abascal. Os manifestantes montaram inicialmente 50 tendas para ocupar a praça e, de acordo com notícias da imprensa, descreveram a ação pacífica como "um ato de desespero político".
Na manhã de 12 de outubro, a polícia portuguesa ordenou aos manifestantes que retirassem as tendas, invocando uma "ocupação não autorizada de bens públicos". Posteriormente, a polícia removeu e confiscou as tendas e os pertences, segundo manifestantes em contacto com a Amnistia Internacional. O protesto continuou e, a 12 de outubro, os ativistas notificaram a Câmara Municipal do Porto da sua intenção de prosseguir com a manifestação. O presidente da Câmara do Porto, Pedro Duarte, respondeu afirmando que adotaria uma postura "absolutamente intransigente" contra as tentativas de montar tendas na praça.Por volta das 2h30 da madrugada de 15 de outubro, cerca de 40 agentes da polícia chegaram à Praça D. João I para dispersar o protesto. A legislação portuguesa inclui uma proibição generalizada e problemática dos protestos noturnos, o que vai contra o direito de manifestação. Segundo os ativistas e os seus advogados, a intervenção policial resultou em 35 feridos leves e dois feridos graves, incluindo ferimentos na cabeça, um braço e um pulso partidos. Entre os feridos encontrava-se uma pessoa com deficiência.
A imprensa portuguesa também noticiou que várias pessoas foram levadas para o hospital. Os bombeiros do Porto terão prestado assistência a oito pessoas e transferido duas para o hospital. Tomás Varela, um manifestante que recebeu tratamento no Hospital de Santo António, relatou ter sido atingido na cabeça com um bastão e ter precisado de nove pontos de sutura. A polícia descreveu a operação como uma "intervenção musculada" e afirmou que foi motivada pela resistência dos manifestantes à remoção das tendas.
"Com base nas provas que verificámos online e nas entrevistas a manifestantes e testemunhas no local, a Amnistia Internacional manifesta a sua preocupação pelo facto de a polícia portuguesa ter recorrido à força excessiva contra manifestantes pacíficos", apontou o responsável. "As autoridades portuguesas devem garantir uma investigação independente, imparcial e eficaz sobre a operação policial. De acordo com o artigo 272.o da Constituição da República Portuguesa, 'as medidas de polícia são as previstas na lei, não devendo ser utilizadas para além do estritamente necessário e obedecendo a exigências de adequação e proporcionalidade'. No mesmo sentido vai a Lei de Segurança Interna. Qualquer agente de uma força policial considerado responsável pelo uso excessivo da força deve ser chamado a responder pelos seus atos. As autoridades devem também proteger plenamente o direito de manifestação, incluindo durante a noite", sublinhou João Godinho Martins.

Contexto
Portugal é um dos países europeus mais afetados pela crise da habitação. Os preços da habitação atingiram um novo máximo em 2025, sendo os mais elevados da zona euro. Em Lisboa, a percentagem do salário médio gasta no arrendamento é de 116 por cento, o que significa que o arrendamento ultrapassa o salário médio em 16 por cento.
O acesso à habitação a preços acessíveis continua a ser um problema grave e persistente, com quase 13 por cento da população portuguesa a viver em agregados familiares sobrelotados.
O direito à habitação está consagrado no artigo 65.o da Constituição portuguesa, que estabelece que "toda a pessoa tem direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto, e que preserve a intimidade pessoal e familiar".
O direito à habitação adequada está igualmente consagrado no Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais, do qual Portugal é Estado parte. A acessibilidade financeira é uma componente fundamental do direito à habitação adequada.

ENTRONCAMENTO

Rotary Club homenageia Quitó

TEXTO e FOTO REDAÇÃO



O Rotary Clube do Entroncamento, foi fundado em 11 de junho de 1982 e tem como lema: "Dar de Si Antes de Pensar em Si". Tem atualmente como presidente, para o ano rotário 2026–2027, Ricardo Cunha.
No dia 21 de outubro de 2026, realizou uma homenagem aos sócios fundadores, Armando Silva, Sérgio Pinto e José Costa, Estiveram presentes muitos sócios do clube e convidados.
Esta homenagem, contou com os presidentes da CM da Golegã, Barquinha e representante da CM Entroncamento. Nela foi distinguido Joaquim António Gomes Raimundo, Qui-Tó, o homem do Remember Entroncamento e da Casa do Benfica do Entroncamento.
Transcreve-se o conteúdo da

"DISTINÇÃO DE MÉRITO COMUNITÁRIO.
Atribui a presente distinção a Joaquim António Gomes Raimundo (QUITÓ),
Em reconhecimento pelo seu notável contributo para a valorização, divulgação e preservação da identidade e da memória histórica do Entroncamento.
Através das diversas iniciativas que tem promovido ao longo dos anos, tem contribuído de forma exemplar para fortalecer o sentimento de pertença da comunidade, divulgar o património local e preservar o legado histórico do Entroncamento para as gerações futuras, constituindo um exemplo de cidadania, compromisso e serviço à causa pública.
Em testemunho da nossa admiração e gratidão, é-lhe conferida esta distinção."

O NA congratula-se com esta merecida homenagem feita a um homem com notáveis qualidades que dele emanam, como é a sua responsabilidade social, humanidade e tolerância. Parabéns Qui-Tó!



CANOAGEM

IX Troféu Filipe Passos decorreu em Tancos, a 27 de setembro deste ano

TEXTO e FOTO CLUBE NÁUTICO BARQUINHENSE



O Clube Naútico Barquinhense, organizou no passado dia 27 de setembro a IX edição do Troféu Filipe Passos, na pitoresca Vila de Tancos.
Com o Castelo de Almourol como cenário de fundo, o rio Tejo encheu-se de cor com as embarcações dos vários clubes que se juntaram a nós neste grande dia.
O tempo esteve perfeito para a prática desportiva e todos os nossos atletas brilharam, conseguindo o clube conquistar um 1º lugar por equipas.
Parabéns a todos os que remaram com dedicação, espírito de equipa e paixão pela modalidade.
Agradecemos a todos os clubes que estiveram presentes, aos nossos atletas, treinadores, pais, voluntários, entidades oficiais e patrocinadores. A vossa presença e apoio foram essenciais para tornar este dia memorável.

O Movimento pelo Tejo foi reconhecido pelo MEDIOTEJO.NET

TEXTO REDAÇÃO e FOTO MEDIOTEJO.NET



O Museu Charters de Almeida, em Abrantes, recebeu no pretérito dia 27 de setembro, autarcas, empresários, membros de diferentes instituições, leitores e amigos para comemorar o 10º aniversário do jornal mediotejo.net.
Uma data que para além das homenagens a 10 personalidades que fizeram a diferença na região ao longo da última década serviu para contraditar o caminho do jornalismo regional e de proximidade.
O proTEJO, com sede em Vila Nova da Barquinha, foi distinguido pela persistência na defesa da qualidade da água, dos ecossistemas, dos caudais ecológicos e de uma gestão sustentável do rio, levando preocupações nascidas no território para o debate nacional e europeu.
O seu fundador, Paulo Constantino, presente no evento, destacou a importância de existir um jornalismo capaz de manter estas matérias na agenda, apontando as preocupações ambientais, as alterações climáticas, a água e os rios como temas que o mediotejo.net tem sempre acompanhado.

VN BARQUINHA

Tejo, e ninguém sabe a água que traz

TEXTO e FOTO REDAÇÃO

"O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar
em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio
da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem".
(Fernando Pessoa)

O movimento proTEJO, em comunicado à imprensa, considera que a recente divulgação pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA) de dados sobre os caudais na barragem de Cedillo, utilizados para verificar o cumprimento da Convenção de Albufeira, confirma a necessidade de tornar esses dados públicos de forma permanente e em tempo real, e não apenas quando surgem polémicas. No seu comunicado à imprensa refere que a APA reconheceu cinco dias com caudais inferiores ao mínimo diário de 1 hm^3 em Cedillo.
Para o proTEJO, o principal problema é que estes dados, embora existam e sejam utilizados pelas autoridades, não estão regularmente disponíveis para consulta e escrutínio público.
O movimento recorda que já em 2016 defendia uma rede integrada ibérica de monitorização, com dados de quantidade e qualidade da água disponibilizados em tempo real.
O proTEJO entende ainda que a transparência deve abranger todas as cinco bacias hidrográficas internacionais da Convenção de Albufeira: Minho, Lima, Douro, Tejo e Guadiana, e não apenas o Tejo. Por isso, exige ao Governo e à APA: divulgação permanente dos dados de Cedillo; publicação dos dados de controlo de todas as bacias abrangidas pela Convenção; criação de um sistema conjunto luso-espanhol de monitorização em tempo real; implementação efetiva de caudais ecológicos; maior transparência e acesso público à informação hidrológica e transfronteiriça.
Por sua vez, a Agência Portuguesa do Ambiente (APA), em comunicado à imprensa, contesta a informação de que o Tejo tenha tido 14 dias com caudais abaixo dos mínimos acordados com Espanha no âmbito da Convenção de Albufeira.
Segundo a APA, o cumprimento da Convenção deve ser avaliado na barragem de Cedillo, em Espanha, e não pelos dados do SNIRH utilizados nas notícias anteriores. Em Cedillo, foram registados cinco dias abaixo do mínimo de 1 hm^3/dia, sendo que quatro ficaram acima de 0,90 hm^3/dia.
A APA informa que os dados do SNIRH correspondem a estimativas do caudal afluente a Fratel e podem sofrer alterações antes da validação técnica, pelo que não permitem, por si só, concluir pelo incumprimento da Convenção.
Em território português, registaram-se cinco dias abaixo de 1,05 hm^3/dia em Belver, mas o mínimo foi de 1,01 hm^3/dia. Em Almourol, o caudal mínimo registado foi de 2,5 hm^3/dia, não tendo ocorrido qualquer dia de caudal zero. A APA conclui que não houve interrupção do escoamento do Tejo, e que a avaliação do cumprimento da Convenção deve basear-se nos pontos de controlo oficialmente definidos e nos dados tecnicamente validados.
Sabemos que era uma vez um Tejo largo e caudaloso, que corria livre como o vento gerando vida. As suas águas espelhavam o céu e transportavam histórias de marítimos, pescadores e arrais ancestrais. Hoje, porém, o velho Tejo está a fenecer. A água desaparece lentamente, os areais crescem onde antes corria a corrente, e as margens mostram as marcas da intervenção humana, a fauna está em vias de extinção. Onde havia abundância, surge a preocupação; onde havia movimento, instala-se o silêncio.
Cuidar do Tejo é preservar a nossa memória e o nosso futuro.
Com este argumentário da APA, simplesmente, questionamos:
- Num tempo em que há plataformas para tudo e para nada, para quando uma plataforma que demonstre com rigor, boa fé, e transparência os caudais recebidos na fronteira?
Logo no primeiro ano de aplicação do atual regime diário vemos que há incumprimento do estabelecido na Convenção de Albufeira. Julgávamos ter acabado os dias de caudal zero no rio Tejo, debalde!
A central hidroelétrica de Cedillo está muitas vezes parada, pelo que os caudais libertados para jusante, para Portugal, são nulos.
Exigimos uma monitorização dos caudais numa base no mínimo diária, e preferencialmente horária, nas secções de controlo à entrada em Portugal, e respetiva publicitação no SNIRH e no portal da Convenção, em tempo real.
- É que a transparência, as gentes e os ecossistemas da borda de água, agradecem.
Haja, portanto, "moralidade", essa figura simbólica, que tem no seu hipotético corpo mais facadas do que Judas.
Não trocem de nós e façam como os espanhóis, coloquem online toda a informação em tempo real.



VN BARQUINHA

Governo anuncia, no âmbito da privatização da TAP, que Polígono de Tancos terá nova escola de pilotos

TEXTO REDAÇÃO e FOTO JOSÉ NEVES



A antiga Base aérea n.º 3, atual Brigada de Reação Rápida do Exército Português, situada no Polígono Militar de Tancos, freguesia de Praia do Ribatejo, Vila Nova da Barquinha, vai acolher a futura escola de aviação da Lufthansa, conforme afirmou o primeiro ministro, Luís Montenegro, no dia 14 de outubro, na comunicação que fez ao país, à hora de almoço, para dar a conhecer o vencedor do concurso de privatização da TAP.

A proposta integral ainda não é conhecida, mas era um dos trunfos que valorava o plano estratégico da companhia alemã face à outra concorrente, a Air France-KLM.

Ao que temos conhecimento a mesma contempla uma nova pista de utilização militar e civil o que abre a expetativa para uso de aeronaves civis de um futuro aeroporto.

Recordamos que, atualmente, existem duas pistas, uma com 2440 metros e outra com 1200 metros, ambas em asfalto, e que necessitam urgentemente de recuperação.

A proposta consagra, ainda, a criação de 200 postos de trabalho e integra um pacote de investimentos em Portugal, e como disse o primeiro-ministro: "Em particular, gostaria de destacar os 500 milhões de euros que significam a criação de uma nova escola de pilotos em Tancos, um Centro de Inovação em Aveiro, um Centro de Serviços Corporativos, a que se soma o já conhecido investimento da Lufthansa Technik em Santa Maria da Feira".

Seguidamente, o ministro das Infraestruturas, Miguel Pinto Luz, afirmou que, com este investimento o aeródromo militar de Tancos terá "a capacidade de ter uma abertura civil e militar".

Na fase de perguntas dos jornalistas, Pinto Luz foi questionado se haveria alguma comparticipação do Estado e quando estaria preparado para receber voos civis. Ao que respondeu: "O Estado português terá uma comparticipação de cerca de 10%, 50 milhões de euros, nomeadamente para a pista propriamente dita. Os prazos que a Lufthansa nos aponta é de 2029 a 2030", disse.

O ministro renovou que a pista será coexistencial, civil e militar, e deixou mais pormenores para uma apresentação nas próximas semanas, em articulação com o Exército e o MDN.

No processo de privatização da TAP, o Governo escolheu a Lufthansa para comprar 44,9% do capital da companhia aérea portuguesas, estando reservada uma participação de 5% para os trabalhadores e 50,1% para o Estado.

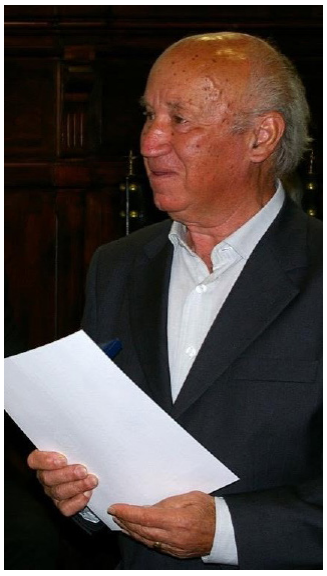
O encaixe financeiro desta operação computa-se em de cerca de 1.201 milhões de euros.

O projeto poderá constituir uma oportunidade para o concelho de Vila Nova da Barquinha e para o Médio Tejo, através da criação de emprego e da dinamização da atividade aeronáutica já com largas tradições no século XX no nosso concelho.

IN MEMORIUM

Ilídio Filipe Carreira
27.05.1933
18.10.2026

TEXTO e FOTO REDAÇÃO



Neste momento tão duro da vida, quase ficamos sem palavras.

Mas a morte está connosco desde sempre e, mesmo sem nos darmos conta, é nossa companheira.

Este enigma, para os homens e mulheres de fé, como nós, é transição.

O Cardeal Tolentino diz-nos que "a ausência daqueles que amamos continuará a doer-nos até ao fim da vida terrena. E continuaremos, até ao fim, a trabalhar interiormente esse vazio, que depois se descobre não ser só vazio, mas também excedência, também companhia, pois a memória dos nossos queridos mortos é uma pátria sagrada que não nos larga. A ela iremos buscar a força, o entendimento de nós mesmos, a palavra que nos disseram, o gesto e o carinho com que nos surpreenderam, o rasto do coração que neles bateu forte e intenso e do qual nos sentimos para sempre amados".

Um dia iremos ter com ele!

Ilídio Carreira nasceu na Vila da Barquinha, em 27 de maio de 1933, aqui bem pertinho daquele rio que, parafraseando Fernando Pessoa, " … é mais livre e maior …" Casou em 16 de abril de 1960 com Maria Graciete Carreira. Tiveram três rebentos: duas mulheres e um homem, a Isabel, que Deus tem, a Cristina e o Pedro.

De infância sofrida, mas divertida, como muitos outros garotos do seu tempo, conheceu o respirar do rio Tejo tão bem como o seu próprio corpo.

Às vezes, era plácido e calmo, como o respirar de uma criança dormindo no seu leito. Outras vezes, era enfurecido, dominado pelas correntes tumultuosas das cheias.

O rio retratava, na sua magia selvagem e inesperada, os ritmos da nossa própria vida (1). Dizia ele: "A nossa vida era o rio, de manhã à noite. Era o dia todo dentro de água. Mergulhos, corridas de natação Tejo acima Tejo abaixo. Muitas levei eu da minha mãe por chegar tarde a casa por andar no rio. Depois, comecei a chegar a horas, mas, mal ela se deitava, escapava pela janela e ia outra vez para o rio noite dentro. (…) Era do Tejo a água que bebíamos, e o peixe que comíamos não faltava.", contava.

Depois, como excelente narrador, sabia toda a vida económica da Barquinha, que tanto amava e que, inequivocamente, passava pelo Tejo. Afirmava ele: "A vila era uma espécie de entreposto comercial onde chegava o vapor que vinha de Lisboa carregado de mercadoria, para trocar pela que chegava das terras do interior e a levar para abastecer a capital."

Mostrava-nos o seu arquivo, onde populava "a Pedra, a cortiça, a madeira, a lenha, o vinho, a palha, tudo o que se produzia no interior para abastecer a grande capital Lisboa, era por aqui que passava, chegando do Alentejo, por caminhos de carros de bois, ou das Beiras e do Pinhal, pelo Zêzere." E continuava: "Sal, peixe salgado, produtos transformados e outras mercadorias que faziam falta aqui. Depois veio o comboio acelerando o progresso e mais tarde as camionetas e os barcos foram encostando."

"E depois", vieram as fábricas e a água ficou poluída. "Uma tristeza, uma tristeza", dizia, com uma voz embargada e sumida.

Por isso, foi um lutador pelo Tejo. "Enquanto tiver forças, contem comigo"(2), dizia, participando ativamente na justa luta das gentes da borda de água.

Exerceu funções de carácter administrativo e de serviço público em Vila Velha de Ródão, tendo culminado a sua atividade pública como chefe de divisão dos Serviços Administrativos e Financeiros e notário privativo da Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha. Foi presidente da Junta por duas vezes, secretário da Junta e membro da Assembleia de Freguesia da Barquinha. Desempenhou cargos associativos nas diferentes coletividades do concelho, mormente nos órgãos sociais da Santa Casa da Misericórdia, do Sporting Clube Barquinhense, do Clube Náutico Barquinhense, do Clube Desportivo de Caça e Pesca e da Associação dos Bombeiros Voluntários, com uma dedicação inexcedível até aos 90 anos. É obra!

A sua atividade era reconhecida por todos como sendo de grande responsabilidade, integridade e zelo profissional.

Sempre disponível para os outros e para os socorrer nas horas de aflição, era também conhecido no Centro Cultural/Social, onde essas qualidades e virtudes humanas constituíam uma afirmação constante.

Muitos e muitas dos que aqui estão tiveram o privilégio de o ter como amigo e de o poder acompanhar nesta jornada da vida, um privilégio só de alguns, pois o Sr. Ilídio Carreira era sempre dado a uma bela e culta conversa.

Estava sempre iluminado! Aliava essa inspiração à sua enorme sensibilidade humana, uma das suas características superiores.

Que conforto foi sentir o seu correr de verbo, como o Tejo corre para o mar: um sinal genuíno, bem fraterno, resiliente e rijo, numa roda diária, anual, rítmica, certa, incerta e finita como a sua e nossa vida!

"Tudo deixamos quando descemos à terra, mas deixamos aqui ficar o bem que fizemos".

Em nome de todos os barquinhenses, agradeço, encarecidamente, a sua dádiva em vida e a sua dedicação às nossas gentes.

Heráclito de Éfeso anunciou: "O pior de todos os males seria a morte da palavra."

São homens como este que criam em nós uma sólida vontade de conservar as nossas raízes e de tornar a terra onde vivemos num lugar ímpar, num sítio único.

Como criança, em luminosa jornada do Tejo,
Viagem que sua mãe cuidadosa protegia,
Cruza, agora, sorrindo vagamente até ao céu.
Descansa de coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!
Descanse em paz, Sr. Ilídio Carreira.

(1) MIRANDA, Emílio. Os Autos da Barquinha - Gelo por sal. Edições Mahatma, 2014

(2)Jornal "O Público, de 6 de dezembro de 2017

PAISAGEM ADJACENTE - ASSOCIAÇÃO CULTURAL

Um ponto de vista em movimento: O que muda quando nos deslocamos através da paisagem?

PAISAGEM ADJACENTE

OPINIÃO ANTÓNIO MARTINIANO VENTURA

Especialista em Fotografia pelo Instituto Politécnico de Tomar; Membro da Cátedra UNESCO de Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território do Instituto Politécnico de Tomar; Presidente da direcção da Paisagem Adjacente - associação cultural

No primeiro artigo desta série, parti de Na Paisagem do Médio Tejo: a Fotografia como Mediação Cultural para perguntar o que ganha uma região quando encontra formas de olhar para si própria. O projecto coloca em relação, com curadoria de Giulia Biccario, dois modos distintos de observar o território: Paisagem Habitada, de Duarte Belo, e Paisagem Percebida, que desenvolvi a partir de três percursos ferroviários. Paisagem Habitada merece uma leitura própria, a que voltarei numa próxima oportunidade.

Neste texto quero deter-me noutra questão: o que acontece ao nosso modo de ver quando o ponto de vista está em movimento?

A fotografia constrói-se sempre a partir do lugar de onde olhamos. Luz, enquadramento e distância participam na formação da imagem, mas há uma condição que me interessa particularmente: o ponto de vista. Nele encontram-se espaço e tempo. Cada fotografia é feita a partir de uma posição concreta e num instante determinado; um deslocamento, uma aproximação ou apenas alguns segundos de espera transformam a imagem possível.

Foi desta ideia que nasceu Paisagem Percebida. Parti de uma imagem simples, próxima da definição geométrica de linha: o deslocamento contínuo de um ponto. Imaginei então esse ponto como o lugar do olhar — relativamente estável, mas em movimento através da paisagem.

O comboio tornou possível experimentar essa condição. Sentado junto à janela, mantenho uma posição relativamente constante enquanto tudo se transforma diante de mim. Um campo aproxima-se e desaparece; uma povoação surge entre árvores e infra-estruturas; uma estrada acompanha a linha durante alguns segundos; o Tejo entra no campo visual e volta a perder-se. Neste dispositivo, a paisagem é percebida como sucessão, intervalo, ritmo e passagem.

Trabalhei assim três atravessamentos ferroviários do Médio Tejo: o Ramal de Tomar, entre o Entroncamento e Tomar; a Linha do Norte, entre o Entroncamento e Caxarias; e a Linha da Beira Baixa, entre o Entroncamento e a Barragem de Belver. O sistema ferroviário tornou-se simultaneamente meio de deslocação, estrutura de observação e fio de ligação entre diferentes situações territoriais.

No ano em que se assinalam 170 anos do caminho-de-ferro em Portugal, esta escolha ganha também uma dimensão histórica. Desde o século XIX, a implantação e expansão da rede ferroviária integraram sucessivos projectos de modernização, ligação e desenvolvimento do território. Ao longo de diferentes fases, o caminho-de-ferro aproximou lugares, reorganizou actividades económicas, criou centralidades e modificou profundamente as formas de mobilidade. Linhas, estações, pontes e outros equipamentos passaram também a participar na configuração da paisagem que hoje observamos.

A ferrovia foi construída para ligar lugares e organizar fluxos; ao fazê-lo, transformou o território. Hoje, o próprio comboio permite atravessá-lo também como dispositivo de observação. Da janela reconhecem-se formas de povoamento, usos do solo, infra-estruturas, áreas urbanas e rurais, zonas industriais, margens fluviais e espaços de transição. Uma infra-estrutura de mobilidade torna-se assim também um lugar a partir do qual podemos observar e registar a paisagem que ajudou a produzir.

A própria janela integra esta experiência fotográfica. A densidade do vidro, os reflexos do interior da carruagem, a vibração, o arrastamento, os obstáculos inesperados e as mudanças de nitidez e de cor tornam visíveis as condições materiais do olhar. O dispositivo participa, deste modo, na construção da imagem.

Cada fotografia oferece um fragmento do atravessamento e ganha outro sentido na relação com aquilo que a antecede e aquilo que lhe sucede. A edição reúne esses fragmentos numa sequência que aproxima infra-estruturas, campos, periferias, povoações e espaços de transição. As fotografias constroem, assim, uma espécie de cartografia visual do atravessamento, feita de relações, ritmos e sucessões.

A viagem ferroviária permite ainda perceber continuidades que os mapas administrativos organizam através de limites precisos. Da janela do comboio, esses limites municipais raramente encontram correspondência visual imediata. O território surge como uma sucessão contínua de situações: alteram-se a densidade, os usos do solo, as formas de povoamento e as relações entre áreas urbanas e rurais.

Essa continuidade convive com diferenças e torna-as mais perceptíveis: diferenças de densidade, de uso e de ocupação do território, mas também diferentes formas de o perceber e interpretar enquanto paisagem, através da experiência, da memória e da cultura. É precisamente nessa dimensão cultural que o território vivido é também percebido e interpretado enquanto paisagem.

É aqui que Paisagem Percebida se relaciona com a questão mais ampla que atravessa Na Paisagem do Médio Tejo. A fotografia pode ajudar-nos a reconhecer relações entre lugares, continuidades, diferenças e transformações que a familiaridade do quotidiano muitas vezes torna menos evidentes.

A circulação do projecto prolonga esta relação no próprio território. Na etapa de Vila Nova da Barquinha, a exposição permanece na Galeria do Parque até 14 de Novembro. Em 2027, a itinerância prosseguirá pelo Médio Tejo, com apresentação prevista em Ourém e continuidade acordada em Alcanena. Depois de o território ter sido atravessado e fotografado, as imagens regressam ao território onde foram produzidas e encontram outros públicos, memórias e leituras.

Quando escrevi que esta experiência era "como viajar dentro da própria paisagem", procurava traduzir precisamente essa sensação: a de estarmos envolvidos numa relação entre movimento, território, memória e percepção. A experiência da paisagem constrói-se durante a viagem, na relação entre aquilo que está diante de nós e a posição a partir da qual o observamos.

Mudar o ponto de vista transforma aquilo que cabe dentro da imagem e pode transformar também a maneira como compreendemos o território que atravessamos. É nessa capacidade de relacionar observação, experiência e conhecimento que encontro uma das possibilidades mais relevantes da fotografia.

A BEM DIZER...

Dominar pela ignorância



OPINIÃO ANTÓNIO MATIAS COELHO

Historiador

As formas de dominar, como tudo na vida, têm evoluído ao longo da História da Humanidade.

Tempos houve, por exemplo na época da escravatura, em que a dominação era física e óbvia: o amo dominava o escravo, usava-o em seu proveito como objeto e podia fazer dele o que entendesse. A dominação era claramente assumida, sem eufemismos nem subterfúgios. Atualmente, do ponto de vista legal, já não há escravatura nas sociedades ocidentais – o que não quer dizer, evidentemente, que não haja dominação.

O que se passa hoje é que a dominação é cada vez mais sofisticada – e, por isso mesmo, mais cínica, mais eficaz e mais perigosa.

Vejamos dois exemplos de tantos outros possíveis.

Primeiro exemplo: a Escola.

Como procurei evidenciar na crónica do mês passado, a Escola portuguesa tem vindo consecutivamente a degradar-se e os estudos internacionais – como o PISA – vêm evidenciando que as nossas crianças e jovens revelam cada vez menos competências e conhecimentos, tanto ao nível da Língua materna como da Matemática e das Ciências em geral.

As causas desta situação, que é grave e nos deveria preocupar, são múltiplas. Muitas delas são em geral conhecidas e comentadas. Mas há uma que não tenho visto discutida e que aqui deixo para reflexão: e se esta degradação do ensino não for inocente? Isto é, se, de modo discreto, haja quem veja no saber pouco da nossa gente uma estratégia para alcançar um objetivo inconfessável? Ou seja, se a ignorância diplomada não poderá funcionar, para as sombras pardas do poder, como um instrumento – um terrível instrumento – de dominação?

Não é bom que haja analfabetos à moda antiga porque isso não serve a sociedade de consumo, na qual temos de ler e de escrever para nos movermos nela e gastarmos o nosso dinheiro. Além disso, é conveniente que o geral dos cidadãos saiba o suficiente para desempenhar tarefas básicas no processo produtivo, na atividade comercial, na vida em comunidade. Mas não convém que saiba muito – porque quem sabe muito pensa mais e, para o sistema que nos domina, quem pensa demais pode tornar-se perigoso…

Segundo exemplo: a Inteligência Artificial.

Nunca como agora foi tão fácil e tão rápido dispor de informação sobre tudo e mais alguma coisa. Pergunta-se ao Chat e, no instante seguinte, aí está a resposta. Nem sempre correta, é verdade, mas isso se calhar também não é o mais importante. Ora, ter muita informação, como se tem, não significa ter muito conhecimento. Pelo contrário: quanto mais se recorre à chamada Inteligência Artificial, a propósito de tudo e de nada, menos se pensa, menos a nossa Inteligência Humana funciona. Pensar para quê, se a máquina – e até melhor e mais depressa – pode pensar por nós?

E se isto também não for inocente? Se houver outras Inteligências, as que agem no comando do sistema, que usam a IA como instrumento – como poderoso instrumento – de dominação? De facto, quanto mais pedirmos à máquina que faça por nós, mais nos desligamos dos nossos mecanismos de raciocínio e de reflexão e, como se sabe, uma mente que não é solicitada e exercitada, atrofia, vai ficando preguiçosa e cada vez menos capaz de produzir conhecimento autónomo e de formar juízos próprios. Se calhar, como acontece com a ignorância na Escola, esta atrofia, gerada pela Inteligência Artificial, é capaz de convir a alguém: para que é que devemos todos pensar se pode muito bem haver uns quantos que pensam por nós?

Mas o mais grave, em ambos os exemplos que aqui deixo, é ainda outra coisa: é que, apesar do alastrar da ignorância e da atrofia do pensamento, nunca como agora as pessoas estiveram tão convencidas de que sabem muito, de que estão bem informadas e de que têm opinião sobre tudo. Ora, a maior vitória deste modelo de dominação pela ignorância é precisamente esse, a ilusão de esclarecimento: o homem ocidental de agora considera-se o mais livre e informado da História da Humanidade. Contudo, digo eu, enquanto confundir o acesso imediato a dados com a posse de conhecimento real, continuará a ser o guardião voluntário da sua própria jaula, incapaz de combater um gigantesco poder cuja natureza nem sequer consegue discernir. Pense nisto!

VN BARQUINHA

Próximo dia 13 de novembro: "Na Paisagem do Médio Tejo", encontro com os autores e a curadora

TEXTO ASSOCIAÇÃO PAISAGEM ADJACENTE



A 13 de Novembro, António Ventura, Duarte Belo e Giulia Biccario recebem o público na Galeria do Parque, em Vila Nova da Barquinha, para uma visita mediada e uma oficina dedicadas à fotografia, à paisagem e aos processos de criação e curadoria.

A manhã será dedicada à visita à exposição Na Paisagem do Médio Tejo: a Fotografia como Mediação Cultural, com os seus núcleos Paisagem Habitada e Paisagem Percebida. À tarde, os três convidados apresentam e discutem métodos de observação, construção de séries, edição e adaptação expositiva, a partir dos seus percursos e projectos.

A participação gratuita, mediante inscrição. Máximo de 15 participantes, por ordem de inscrição.

Inscrições: paisagem.adjacente.geral@gmail.com

A exposição está patente até 14 de Novembro. Uma iniciativa integrada na itinerância promovida e financiada pela CIM Médio Tejo, organizada e desenvolvida pela PA.ac (Associação Paisagem Adjacente), com acolhimento do Município de Vila Nova da Barquinha.

13 de Novembro de 2026
10h00–13h00 | 14h30–17h30
Galeria do Parque, Vila Nova da Barquinha

Os Passos de Sísifo

A comunidade intermunicipal no Médio Tejo tem futuro?



OPINIÃO LUIZ OOSTERBEEK

Professor Coordenador
do Instituto Politécnico de Tomar

Tudo o que temos de decidir
É o que fazer com o tempo
Que nos é dado

Tolkien (Ganndalf)

Antes de ser uma região administrativa, o território encaixado entre a margem oriental do maciço calcário estremenho e a margem ocidental do maciço antigo de xistos e granitos, cortada pelos depósitos de seixos e areias da rede hidrográfica do Tejo, já era uma região diferenciada.

Integrada por comunidades estremenhas que quase já o não são, comunidades ribeirinhas que se escapam pelas vertentes acima e comunidades dos contrafortes das grandes serras, este é um território ecótono, feito de diversidade e complementaridade. Na literatura académica teve vários nomes: Ribatejo Norte, Alto Ribatejo, Polígono Tomar-Abrantes-Torres Novas… Na via administrativa consolidou-se como meio da bacia do Tejo, apesar do detalhe de o grande rio percorrer Espanha por mais de três quartos do seu percurso.

O nome, porém, não é um detalhe. Os vários nomes deste território na literatura académica traduzem a dificuldade de a definir essencialmente por critérios geológicos, ambientais ou, sequer, culturais. As regiões ecótonas, como esta, não são regiões naturais no sentido convencional do termo. Dito de outra forma, não são regiões homogéneas e a sua coerência não é ditada em primeiro lugar pelos seus recursos naturais e sim pelo uso que delas fazem as comunidades humanas.

Por isso não há uma comunidade do Médio Tejo. Há diferentes comunidades, diferentes memórias, diferentes identidades que, no entanto, partilham algo de muito importante entre si, mesmo que não pensem nisso: apesar das suas diferenças, estão mais próximas umas das outras do que dos centros das suas potenciais regiões naturais. A opção que se lhes abre é, por isso, a de permanecerem como periferias ou de, entre si, se constituírem como centro de uma região essencialmente cultural, transformando a debilidade da distância em relação aos centros na força de uma autonomia apoiada da diversidade ecológica e guiada por uma utopia realista de futuro comum.

Para uma região ser essencialmente definida a partir da convergência de percursos culturais diversos, o nome não é questão de somenos. Médio Tejo tem a vantagem de não destacar nenhuma das cidades, mas continua a ser fraco face aos nomes das comunidades que o compõem. Ele é "menos" do que Tomar, Mação ou Entroncamento porque não construiu o seu passado e se exprime como equívoco geográfico, sempre que se tenta projetar internacionalmente (e a internacionalização é essencial para o futuro sustentável das regiões). Não quero com isso dizer faça sentido, agora, mudar o nome. Mas termos consciência desta limitação é importante, para podermos abrir caminho a encontrar uma outra expressão que se lhe possa associar e que represente um desígnio comum.

As culturas são realidades dinâmicas e não existe um passado cultural do médio Tejo. Pode, porém, existir um futuro, se de forma consciente trabalharmos para o construir a partir do presente. De certa forma a dificuldade do Médio Tejo é parecida com a dificuldade da utopia Europeia. Também esta não tem um passado comum, mas tenta construir no presente um ideal cultural do futuro, em torno da paz, da justiça, da equidade e da sustentabilidade e, nesse processo, vai construindo um passado histórico partilhado. O projeto europeu não está muito bem de saúde, com as lideranças algo esquecidas desse ideal e apressadamente focadas em identidades que sempre geraram guerras, mas apesar de tudo tem um desígnio, tem consciência das suas debilidades e por isso a sua utopia pode concretizar-se.

O Médio Tejo pode inspirar-se nesse processo, compreender as suas debilidades e a sua centralidade em termos nacionais e afirmar-se positivamente em torno do que pode oferecer ao País e à Europa. Para isso, tem de se imaginar como região "a sério", convocar as suas forças humanas (instituições e pessoas) e construir, com paciência e determinação, uma visão convergente que seja mais do que a distribuição de algumas verbas ou equipamentos.

Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano


Rui Lopes Seguros
Rua Dr. Barral Filipe, n.º6 | 2260-407 Vila Nova da Barquinha
Tel./Fax: 249 711 681 | Telem: 918 352 089 | e-mail:geral@rlseguros.com.pt

MEDALHA DE MÉRITO CÍVICO

Professor Jorge Tormenta é condecorado pela Câmara Municipal de Gaia

TEXTO REDAÇÃO e FOTO ANTÓNIO MANUEL

No dia 5 de outubro de 2026, o Convento Corpus Christi, em Gaia, acolheu a Cerimónia de Atribuição de Medalhas Honoríficas do Município, num momento de reconhecimento público integrado nas comemorações do 116º aniversário da Implantação da República. A iniciativa visou homenagear personalidades que, pelo seu percurso e relevância, se tornaram dignas do apreço e da gratidão da comunidade gaiense. Entre os homenageados estava o Professor Jorge Tormenta, natural da Moita, Vila Nova da Barquinha, que foi distinguido com a medalha de Mérito Cívico – Grau Ouro. A entrega das distinções foi conduzida pelo Presidente da Câmara Municipal de Gaia, Luís Filipe Menezes, que destacou o valor e o impacto do trabalho desenvolvido por todos os homenageados em diversas áreas de atuação no concelho. Do seu discurso retiramos: "Achamos que estas homenagens fazem sentido e que elas referenciam a sociedade para seguir o exemplo de muitos que são diferentes e que são suscetíveis de ser copiados. Temos de melhorar a nossa vida em sociedade … e reforçar, particularmente, a ideia do seu contributo, não só profissional, mas de militância de cidadania. Os exemplos têm de começar onde podem ser possíveis, ao nível de uma Junta de freguesia, ao nível de uma pequena instituição, um pequeno clube desportivo, uma pequena associação cultural…".

Jorge Manuel Brito Tormenta nasceu em 11 de fevereiro de 1952 em Vila Nova da Barquinha. Na adolescência descobriu vocação para liderar. Fez-se mestre em Ensino de Educação Física e Desporto e dá aulas desde 1972. Quase cinco décadas depois constitui-se como a referência do desporto escolar do Colégio de Gaia, sobretudo por causa dos títulos conquistados no andebol feminino português. É presença habitual na RTP como comentador das competições de andebol. Foi selecionador nacional de andebol feminino. Jogou, treinou, dirigiu e comentou andebol. Figura incontornável da modalidade em Portugal, Jorge Tormenta é uma das grandes personalidades do desporto nacional, pelo que, em 13 de junho de 2022 também tenha sido condecorado, pelo Município de Vila Nova da Barquinha, a sua terra natal, com Medalha Municipal de Mérito – Grau Ouro (Desporto).



TOMAR

Dia da Brigada de Reação Rápida – Divisa: "Se Fizeram Por Armas Tão Svbidos" 21.º aniversário foi celebrado na cidade de Tomar

TEXTO REDAÇÃO e FOTOS SERRANO ROSA



A Brigada de Reação Rápida (BRR), tem como comandante o Brigadeiro-General Almeida Pereira e encontra-se sedida no Polígono Militar de Tancos, Vila Nova da Barquinha. Dependem do seu comando as seguintes unidades: o Centro de Tropas de Operações Especiais (Rangers) – Lamego; o Regimento de Artilharia N.º 4 – Leiria; o Regimento de Cavalaria N.º 3 – Estremoz; o Regimento de Comandos – Carregueira; o Regimento de Infantaria N.º 1 – Beja; o Regimento de Infantaria N.º 10 - S. Jacinto; o Regimento de Infantaria N.º 15 – Tomar; o Regimento de Paraquedistas - Poligono Militar de Tancos; a Unidade de Apoio da Brigada de Reação Rápida - Poligono Militar de Tancos.

As comemorações do dia da BRR aconteceram, este ano, na cidade de Tomar e foram uma oportunidade para a população conhecer a sua missão, as suas competências e os seus meios operacionais.

No dia 25 de setembro, 6.ª feira, ocorreu um concerto oferecido à população pela Orquestra Ligeira do Exército na Praça da República.

No dia 28 de setembro, segunda-feira, na Várzea Pequena, junto do Tribunal, realizou-se uma exposição de capacidades operacionais da BRR, com viaturas táticas, armamento e equipamentos. O encerramento ocorreu na terça-feira, dia 30 de setembro, pela 11 horas, na Várzea Pequena. Da cerimónia militar há a registar os discursos do Tenente-General, João Boga Ribeiro, Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército que relevou a prontidão, a mobilidade, a projeção e a flexibilidade como capacidades que fazem a diferenciação da BRR em qualquer teatro de operações. Por sua vez o Brigadeiro-general, Paulo Almeida Pereira, comandante da BRR, assegurou que os militares sob o seu comando estão prontos para intervir em qualquer ponto territorial, a qualquer hora e em quaisquer circunstâncias. No mesmo local procedeu-se à entrega de distinções honoríficas e ainda ao desfile das forças em parada com as tropas Paraquedistas, os Comandos e as Operações Especiais (Rangers), que são as principais Forças Especiais do Exército Português, e demais militares presentes neste aniversário. Registo para o ensejo de homenagem aos mortos, com a deposição de coroa de flores junto da Estátua dos Antigos Combatentes.



ESTATUTO EDITORIAL
NOVO ALMOUROL

1- O Novo Almourol é um jornal mensal de informação, orientado por critérios de isenção e rigor editorial.
2- O Novo Almourol assume com os seus leitores o compromisso de respeitar os princípios deontológicos e a ética profissional.
3- O Novo Almourol recusa o sensacionalismo.
4- O Novo Almourol tem como base o regionalismo, tendo assim como principal objectivo informar os cidadãos da sua área de implantação geográfica.
5- O Novo Almourol defende a diversificação da informação – sociedade, política, economia, desporto, cultura e opinião – tentando sempre responder aos interesses do público da região.

MULHERES DE ABRIL - VILA NOVA DA BARQUINHA

AS MARIAS DO NOSSO TEJO: Porque, quando uma mulher é lembrada, nenhuma de nós fica esquecida

OPINIÃO MONA MARTINS
Designer e Figurinista

Há mulheres que guardam histórias dentro de si. Outras levam-nas na voz, nas mãos, no trabalho, na memória ou na maneira como olham para o mundo. Há mulheres que conquistam palcos, que estudam pedras antigas, que ensinam a ler, que cuidam, que cantam, que acolhem e que, muitas vezes sem darem por isso, acabam por fazer parte da história do concelho de Vila Nova da Barquinha.

Na nossa última crónica, falámos de algumas das mulheres que fazem acontecer. Mulheres que encontramos nas ruas, nas associações, nos lugares de trabalho e nos pequenos gestos de todos os dias.

Hoje, continuamos esse caminho, trazendo outras Marias do Tejo para estas páginas, porque as histórias não acabam quando fechamos um jornal. Continuam a acontecer, mesmo quando ninguém está a olhar.

Começamos com **Sara Cura**, uma mulher que procura respostas nas pedras, na terra e nos vestígios de quem viveu muito antes de nós. Arqueóloga, investigadora e apaixonada pela Pré-História, Sara tem uma qualidade que merece ser lembrada: não guarda o conhecimento só para si. Partilha-o, explica-o e aproxima a ciência das pessoas. Criou o projeto Comunicar Arqueologia e o podcast Let's Rock – Um Podcast da Idade da Pedra. E, como se o conhecimento não tivesse já caminhos suficientes por onde viajar, escreveu também o livro "Inovações Pré-Históricas que Mudaram o Mundo". Há mulheres que escavam a terra para descobrir o passado e, depois, nos ajudam a compreender melhor o presente. Sara é uma dessas mulheres.

E se a Sara nos convida a escutar o passado, **Carla Frias** leva-nos pela música. Soprano, do prestigiado Coro Gulbenkian, é mulher da nossa terra, cresceu entre as ruas e as gentes desta vila. A sua voz percorre outros palcos, mas há qualquer coisa de especial em saber que uma mulher que leva a música tão longe também nasceu e cresceu aqui. Ser soprano é trabalhar a voz, estudar, persistir e procurar a beleza em cada nota. Mas é também ter a coragem de se expor, de subir a um palco e de partilhar com os outros aquilo que se construiu com tanto trabalho. E nós, que tantas vezes passamos pelos lugares sem reparar no talento que nasce ao nosso lado, temos também o dever bonito de reconhecer as nossas mulheres.

Depois, recuamos no tempo. Fomos encontrar a **Custódia de Matos,** uma mulher que viveu na Barquinha no século XIX e cuja história chegou até nós através da memória e dos relatos dos cronistas. Chamavam-lhe bruxa. Rezava, benzia, lia cartas e recebia pessoas que procuravam ajuda para os males do corpo, do coração e da vida. Mas há uma história que nos faz olhar para Custódia de outra maneira: a de uma criança recém-nascida, destinada à "Roda dos Expostos ou enjeitados", que ficou aos seus cuidados e que ela criou como filho. Diz a tradição que, quando o rapaz partiu, já adolescente, quis levar Custódia consigo. São histórias antigas, transmitidas ao longo do tempo, que nem sempre conseguimos confirmar com todos os pormenores. Mas deixam-nos uma pergunta que continua tão atual como naquele tempo: Quantas mulheres foram julgadas por serem diferentes, quando aquilo que mais as definia era a forma como viviam e cuidavam dos outros? Talvez a história de Custódia nos ensine que, antes de colocarmos alguém numa caixinha, vale a pena olhar para a pessoa que lá está dentro.

E, por falar em mulheres que ficam na memória, chegamos a **Rosa Homem**. Professora durante toda a vida, mãe, avó, amiga, vizinha, estudante e mulher sempre presente na comunidade. A Rosa ensinou a ler e a escrever a muitos homens e mulheres, ajudando-os a descobrir que também podiam ler o mundo. Há uma magia especial nesta profissão: uma palavra aprendida, uma carta finalmente lida, um nome escrito pelas próprias mãos. Mas a Rosa tem também o seu lado divertido, e quem a conhece sabe que as suas histórias não se contam sem um lindo sorriso. Como aquela vez em que, perante a surpresa de alguém por uma mulher se chamar Rosa Homem, respondeu, muito séria, que era mesmo Homem. E ainda se preparou para mostrar o bilhete de identidade! Há mulheres que ensinam com livros e outras que, sem darem por isso, também nos ensinam a rir. A Rosa fez as duas coisas.

Benedita Barrocas Irra é uma dessas mulheres que não precisam de grandes discursos para mostrar o que significa estar presente. Participante das Mulheres de Abril desde a segunda edição, é a primeira-secretária da Direção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vila Nova da Barquinha e a única mulher na atual Direção. Foi tesoureira da Câmara Municipal, participa nas comemorações de Abril e ajuda a manter vivas tradições da nossa terra. É voluntária, mulher de fé, amiga, mãe e avó. E há uma imagem que gostamos particularmente de guardar: Benedita e a neta Núria, a integrante mais jovem das Mulheres de Abril, duas gerações ligadas por uma memória que não queremos perder. Porque a liberdade também se aprende assim: em família, nos exemplos, nas conversas e nas mãos que se encontram.

Há também mulheres cuja história se confunde com a própria vida cultural de uma vila. **Julieta Rodrigues**, conhecida por muitos como Julita, é uma delas. Desde menina que se entregou aos palcos da paróquia, cantando, representando e levando a sua voz, muitas vezes com o fado, a tantos encontros e espetáculos, dentro e fora da Barquinha. Cresceu pelas ruas da vila e fez da cultura uma parte da sua vida. E ainda hoje a sua voz se faz ouvir em momentos que continuam a reunir pessoas e a alimentar memórias. Há vozes que se ouvem durante uma canção e há outras que ficam muito para lá do último acorde. A de Julieta pertence àquelas que nos fazem recordar que a cultura também nasce das pessoas, das comunidades e da vontade de fazer coisas juntas.

Depois, encontramos **Maria do Céu Pereira,** a nossa Dona Céu. Trabalhou durante muitos anos na Caixa Geral de Depósitos, aqui na vila, onde tantas pessoas encontraram alguém disponível para ajudar, orientar e escutar. Mas a sua história não cabe num balcão nem num percurso profissional. É mãe, avó, mulher de fé, vizinha e amiga. Daquelas pessoas que perguntam se está tudo bem e que não precisam de uma ocasião especial para estender a mão. Participou na terceira edição das Mulheres de Abril e esteve connosco com a sua presença tranquila e o seu carinho. Talvez o nome lhe assente bem: há mulheres que parecem acompanhar-nos como o céu, sempre por perto, mesmo quando não pensamos nisso.

Alexandra Menezes leva-nos novamente para dentro do Tejo, desta vez para o desporto e canoagem. Mulher, mãe, professora, voluntária, empreendedora e atleta, construiu um percurso marcado por anos de dedicação ao desporto, por conquistas e por muitas medalhas. Levou o nome da nossa terra mais longe e mostrou que os resultados não aparecem por acaso. Por detrás de cada vitória existem treino, disciplina, persistência e a capacidade de continuar quando o caminho se torna difícil. Mas também há vitórias que não cabem numa medalha: a família, os amigos, a comunidade e a disponibilidade para continuar a dar de si aos outros. É importante falar de Alexandra porque precisamos de conhecer e valorizar as mulheres que fazem história entre nós. E porque cada conquista de uma mulher pode abrir caminho a tantas outras.

E depois temos a nossa **Dona São**, Maria da Conceição A. Lopes. Um nome pequenino para uma mulher de uma energia enorme! Trabalhadora, mãe, avó de cinco netas, amiga, vizinha e mulher da comunidade, tem um sorriso espontâneo e uma maneira muito própria de fazer amizades. E há sempre espaço para partilhar um bolo de mirtilo, uma conversa ou uma boa gargalhada. A Dona São lembra-nos que a força de uma mulher não se mede apenas pelo que conquista, mas também pela forma como acompanha os seus, como participa e como semeia relações à sua volta. É uma verdadeira semeadora de mulheres, de afetos e de histórias. E ainda bem que há mulheres assim, que fazem da vida uma coisa para partilhar.

Por fim, encontramos **Dona Rita**, de nome forte Maria da Silva Maia dos Santos mulher de trabalho, de fé e de família, com uma ternura que se sente na maneira como olha para os outros. Durante muitos anos, deu o seu contributo profissional à nossa terra e continua a ser aquela mãe lutadora, avó cheia de amor e vizinha sempre pronta a ajudar. É também uma das mulheres do nosso Chá das Tias, esse grupo de mulheres que aparece, participa, acredita e ajuda a fazer acontecer. Porque a comunidade não se constrói apenas nos grandes acontecimentos. Constrói-se quando alguém se aproxima, quando uma mão se oferece, quando se prepara uma mesa e quando se cria espaço para que outras pessoas também possam estar. A Dona Rita é uma dessas mulheres que tornam a nossa vila mais próxima, mais humana e mais bonita.

Dez mulheres. Dez histórias diferentes. Uma arqueóloga, uma soprano, uma mulher do século XIX cuja memória atravessou gerações, uma professora, uma dirigente associativa, uma mulher dos palcos, uma trabalhadora que soube estar ao lado dos outros, uma atleta, uma avó de sorriso aberto e uma mulher que faz da presença uma forma de cuidar.

Poderíamos continuar. E vamos continuar.

Porque estas dez histórias não são uma lista fechada, nem pretendem dizer que já conhecemos todas as mulheres que merecem ser lembradas. São apenas mais algumas janelas abertas para uma realidade muito maior. Por detrás de cada uma delas há outras mulheres: as que ensinaram, as que acompanharam, as que abriram portas, as que trabalharam em silêncio e as que fizeram o possível com aquilo que a vida lhes deu.

É isso que queremos construir com as Mulheres de Abril e com as nossas Marias do Tejo. Uma memória feita de pessoas reais, de histórias diferentes, de trabalho, de coragem, de afeto e de participação. Uma memória que não escolhe apenas quem chegou mais longe, mas que também reconhece quem ficou por cá, quem cuidou, quem ajudou e quem nunca deixou de fazer parte da vida da sua comunidade.

Talvez uma vila também se faça assim: quando aprende a olhar para as suas mulheres e a perceber que nenhuma história é pequena demais para ser contada.

O Tejo continua a correr. As gerações mudam, os tempos permutam, as ruas transformam-se. Mas há histórias que merecem ficar. E há mulheres que, quando são lembradas, nos ajudam a reconhecer tantas outras que caminham ao nosso lado.

Porque, quando uma mulher é lembrada, nenhuma de nós fica esquecida.

E esta história, felizmente, ainda está longe de terminar.

Mulheres de Abril, de memórias mil e de futuros ainda por escrever.

Título Jornal Novo Almourol **Propriedade** Associação Centro de Interpretação de Arqueologia do Alto Ribatejo **NIF** 505056755 **Diretor** Fernando Freire **Chefe de Redação** Novo Almourol **Colaboradores** Mónica Gomes Pérsio Basso, Mona Martins, Lia Fernandes **Opinião** Luiz Oosterbeek, António Luís Roldão, Luís Mota Figueira, Carlos Vicente, Rita Inácio, António Matias Coelho, Sérgio Nunes **Edição Gráfica** Novo Almourol **Fotografia** Novo Almourol **Paginação** Novo Almourol **Publicidade** Novo Almourol **Departamento Comercial** 249 711 209 - novoalmourol@gmail.com **Jornal Mensal do Médio Tejo** Registo ERC nº 125154 **Impressão** FIG - Indústrias Gráficas SA, Rua Adriano Lucas 3020-430 Coimbra, Tel. 239 499 922 **Tiragem Média Mensal** 3500 ex. **Depósito Legal** 367103/13 **Sede do Editor, Redação e Administração** Centro de Interpretação de Arqueologia do Alto Ribatejo - Largo do Chafariz, 3 - 2260-407 Vila Nova da Barquinha **Site** www.ciaar.pt **Email** novoalmourol@gmail.com **Site** https://novoalmourol.eu/

NA
Novo Almourol

Faça já a sua assinatura!

Os assinantes são a base do Jornal Novo Almourol e o seu contributo é o que o faz perdurar no tempo.
Perante a impossibilidade de fazer a coleta porta a porta de todos os assinantes pedimos que o façam através de transferência bancária de forma cómoda e segura. O valor da assinatura anual é de 10€ para antigos assinantes (anterior a 2015) e de 12€ para novos assinantes.
Caso tenha dúvidas acerca dos anos pagos e/ou em atraso pode contactar-nos ou deslocar-se à sede do Jornal.
Agradecemos o seu contributo.

Através do IBAN:
PT50 0035 0876 000 12074130 13
ou contacte:
CIAAR- Centro de Interpretação de Arqueologia do Alto Ribatejo
Largo do Chafariz Nº3
2260-419 Vila Nova da Barquinha
novoalmourol@gmail.com
Tlf: 249 711 209



VN BARQUINHA

Até dia 10 de novembro usufrua dos livros para cuidar da saúde mental

TEXTO PÉRSIO BASSO



A Biblioteca Municipal Carlos Matos Gomes e a Biblioteca Escolar do Agrupamento de Escolas de Vila Nova da Barquinha promovem, entre 10 de outubro e 10 de novembro, a iniciativa «Farmácia Literária – Para grandes males, grandes leituras», uma atividade de promoção da leitura que associa os livros ao bem-estar e à saúde mental.
Com início no Dia Mundial da Saúde Mental, assinalado a 10 de outubro, a iniciativa convida a comunidade a descobrir um conjunto de livros «prescritos» para ajudar a enfrentar diferentes situações que podem afetar o equilíbrio emocional e o bem-estar. Através da leitura, pretende-se destacar o papel dos livros enquanto fonte de reflexão, conhecimento e descoberta, incentivando hábitos de leitura e promovendo a sensibilização para a importância da saúde mental.
A ação conta com a colaboração da Farmácia Carvalho, na Praia do Ribatejo, da Farmácia Oliveira, em Vila Nova da Barquinha, e da Farmácia Tente, na Atalaia, reforçando a ligação entre a comunidade, a leitura e a promoção da saúde.
A «Farmácia Literária» decorre no âmbito do PES – Projeto de Promoção e Educação para a Saúde, da Eduqa/Ministério da Educação, e constitui uma oportunidade para descobrir novas leituras e reconhecer nos livros um recurso de apoio ao bem-estar pessoal.
Para mais informações, os interessados podem contactar a Biblioteca Municipal Carlos Matos Gomes através do endereço eletrónico biblioteca.barquinha@cm-vnbarquinha.pt ou do telefone 249 720 358 (chamada para a rede fixa nacional).

DIA 28 de NOVEMBRO
no CIAAR, VN Barquinha



Para mais informações entre em contacto através do email: DOUBLEUREPLAY@GMAIL.COM